

Bruna Dias Teixeira
Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Contato
brunadiastt@gmail.com

Palavras-chave:
memória; ancestralidade; parentesco.

Keywords:
memory; ancestry; kinship.

1 bell hooks é o pseudônimo escolhido por Gloria Jean Watkins em homenagem à sua avó. O nome escolhido, grafado em minúscula, é um posicionamento político da recusa egôica intelectual. (Caruso, 2022)

2 KILOMBA, Grada. **While I Write.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UKUaOwfmA9w>. Acesso em: 25 jun. 2024.

CULTIVANDO OS JARDINS DE NOSSOS ANCESTRAIS: REMEMORANDO A ANCESTRALIDADE PARA AUTORRECU- PERAR E AUTODEFINIR

CULTIVATING THE GARDENS OF OUR ANCESTORS: remembering ancestry to self-heal and self-define

Resumo: Objetivo deste trabalho é apresentar através de um relato de experiência como o processo de autodefinição e auto-recuperação de mulheres negras pode dar pelo caminho de rememorar a ancestralidade. A partir de Patricia Hill Collins (2019), bell hooks¹ (2023), Zora Neale Hurston (2021), o relato que segue traz reflexões sobre a minha trajetória na universidade e os questionamentos acerca da autodefinição que emergem no contato com as autoras citadas e outras tantas que eu pude conhecer durante a minha graduação. Neste texto, busco reconectar-me com as mulheres da minha vida, retorno, sobretudo, a imagem de minha avó, especialmente a sua morte. E neste momento memorístico que envolve luto e autoconhecimento proponho no texto uma carta relatando à minha avó o dia de sua morte, sua ausência, e nessa proposta literária ousada, discuto como a morte, luto e as memórias podem construir o processo de autodefinição de mulheres negras. Articulando, assim, como minhas palavras não são sem sentido. Elas estão em ação e em resistência, é a partir do caminho da autorrecuperação e autodefinição, juntando e conectando pedacinhos da memória viva que eu posso enfim descobrir a minha própria identidade.

Abstract: *The objective of this work is to present, through an experiential narrative, how the process of self-definition and self-recovery of Black women occurs through the path of remembering ancestry. Drawing from Patricia Hill Collins, bell hooks, and Zora Neale Hurston, the following narrative offers reflections on my journey at university and the questions about self-definition that emerge through contact with these authors and many others I encountered during my undergraduate studies. In this text, I seek to reconnect with the women in my life, particularly returning to the image of my grandmother, especially her death. In this mnemonic moment that involves mourning and self-discovery, I propose in the text a letter to her, recounting the day of her death, her absence, and in this bold literary proposal, I discuss how death, mourning, and memory construct the self-definition process of Black women. My words are not meaningless. They are in action and resistance. Ultimately, it is through the path of self-recovery and self-definition, by gathering and connecting pieces of living memory, that I can finally discover my own identity.*

PONDO AS TRIPAS NO PAPEL

[...] Então, por que eu escrevo?
Eu tenho que fazê-lo
Eu estou incrustada numa história
De silêncios impostos,
De vozes torturadas,
De línguas interrompidas por
Idiomas forçados e
Interrompidas falas
E eu estou rodeada por
Espaços brancos,
Onde dificilmente eu posso adentrar e permanecer. Então, por que eu escrevo?
Escrevo, quase como na obrigação Para encontrar a mim mesma Enquanto eu escrevo
Eu não sou o Outro
Mas a própria voz
Não o objeto [...] (Kilomba, 2015).
Enquanto eu escrevo – Grada Kilomba²

Uma das lembranças mais fortes que eu tenho da universidade é do início. Lembro-me bem de como foi difícil cuidar de mim sozinha. De to-

dos os momentos, de acordar sozinha, de me alimentar sozinha, de andar sozinha, de me deitar sozinha. Quando me mudei, senti-me vitoriosa pelo grande passo que eu estava dando rumo a quem eu queria ser. Eu estava deixando para trás, a realidade pacata do interior e adentrando a uma selva, a selva dos meus sonhos. Nunca me senti tão sozinha. Longe das mãos doces e quentes de minha mãe, de tudo que eu conhecia. Eu estava sozinha.

Em um dos finais de semana em que retornei para casa, lembro de me sentar na mesa da cozinha e grunhir um som estranho de descontentamento. Minha mãe rapidamente me perguntou o que era. Agora, grunhindo mais alto e em meio às lágrimas, eu chorava e esperneava dizendo que não daria conta. Era burra demais. Não sabia do que os meus colegas falavam, não entendia um minuto sequer das aulas que eu tinha. Eu lia, lia, lia e não entendia nada dos textos. Eu era muito burra para estar ali. Eu queria desistir. Como podem ver, eu acabei não desistindo da universidade. Algo que sei somente agora é que os sonhos que eu sonhei não eram apenas meus. Eu estava caminhando em uma estrada aberta por muitos e eu não poderia desviar daquele caminho. E eu não desviei.

Só pude continuar porque encontrei amigos

cujas trajetórias eram parecidas com a minha. Pude ler textos em que as/os autoras/es escreviam sobre sentimentos e trajetórias parecidas com as minhas e as da minha família. Somente pude permanecer porque tive a oportunidade de me ler nos trabalhos de outros que aqui estiveram. Somente pude permanecer pelo esforço incansável dos meus colegas para que pudéssemos acessar em nossas aulas tais obras e debates e diversos outros materiais. Ainda me sinto uma grande impostora. Ainda vivo com medo de ser desmascarada como inferior em relação aos meus pares. Vivo com os nervos à flor da pele com medo de que as oportunidades que eu desejo não venham. Vivo com o coração na boca com medo de que eu não consiga permanecer neste lugar. Quando me sinto assim, sempre retorno à bell hooks, Zora Neale Hurston, minha mãe e a minha avó, busco nelas a inspiração e a força para resistir aqui.

Cheguei à teoria porque estava machucada – a dor dentro de mim era tão intensa que eu não conseguiria continuar vivendo. Cheguei à teoria desesperada, querendo compreender – apreender o que estava acontecendo ao redor e dentro de mim. Mais importante, queria fazer a dor ir embora. Vi na teoria, na época, um local de cura (hooks, 2013, p. 83).

Nas palavras de bell hooks, em *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra* (2019), ela ainda era uma garota se tornando uma mulher quando leu as palavras de Adrienne Rich: “essa é a linguagem do opressor porém eu ainda preciso falar com você” (1952 *apud* hooks, 2019, p. 73). De acordo com bell hooks (2019), foi essa linguagem que a permitiu terminar a pós-graduação. Assim como ela, é neste espaço e nessa linguagem que carrega estigmas e estereótipos que eu busco compreender a mim mesma e aquelas que vieram antes de mim.

Estamos enraizados na linguagem, fincados, temos nosso ser em palavras. O oprimido luta na linguagem para recuperar-se a si mesmo – para reescrever, reconciliar, renovar. Nossas palavras não são sem sentido. Elas são uma ação – uma resistência. A linguagem é também um lugar de luta (hooks, 2019, p. 73–74).

Muito disso e desse interesse se refere ao fato de que esse espaço tem sido um espaço de exclusão e expulsão de pessoas negras e pobres, sobretudo mulheres. Este espaço no qual minha avó e minha mãe não puderam adentrar é de onde eu falo. Este lugar não é só meu. Este lugar é delas também. A minha história e as minhas vitórias não são só minhas, são delas também.

Integro este espaço porque anos atrás minha mãe e minha avó e muitas outras que eu não posso nomear cuidaram para que eu pudesse adentrar. Faço parte deste lugar porque minha mãe me acompanhou o quanto pôde e me ensinou tudo que sabia. Do abecedário aos fatos como soma e multiplicação. Até onde a sua própria escolaridade permitiu. Dali em diante eu prossegui. Um caminho árduo, de vitórias e fracassos. Mas houve um caminho. Segui tentando

abrir mais portas para que mais pessoas como eu pudessem adentrar este espaço e falar a partir desta linguagem.

CONQUISTANDO A PALAVRA, DESCREVENDO A PERDA

Quem nos deu permissão para praticar o ato de escrever? Porque escrever parece tão artificial para mim? Eu faço qualquer coisa para adiar este ato – esvazio o lixo, atendo o telefone. Uma voz é recorrente para mim: Quem sou eu, uma pobre chicanita do fim do mundo, para pensar que poderia escrever? Como foi que me atrevi a tornar-me escritora enquanto me agachava nas plantações de tomate, cultivando-me sob o sol escaldante, entorpecida numa letargia animal pelo calor, mãos inchadas e calejadas, inadequadas para segurar uma pena? (Anzaldúa, 2000).

Eu me pareço muito com a minha mãe. Eu tenho a pele mais clara que a dela e os cabelos mais encaracolados também. Tenho o mesmo nariz, a mesma boca, a mesma orelha. Também tenho os mesmos medos e as mesmas ansiedades. Ela sempre fala da minha avó e com certeza é a pessoa que mais sente falta dela nesse mundo inteiro. Tudo que eu sei de minha avó eu sei através de minha mãe. É como se as histórias das duas se fundissem em uma só. Gosto de pensar que também faço parte dessa fusão. Uma fusão ancestral. A história delas e a minha são uma só. E é por isso que eu valorizo a fala de minha mãe e todas as suas experiências bem como lamento a ausência dos relatos de minha avó. Elas são meu caminho de autodefinição e autorrecuperação através das memórias.

Minhas palavras não são sem sentido. Elas estão em ação e em resistência. Enfim, é a partir do caminho da autorrecuperação e autodefinição, juntando e conectando pedacinhos de memória viva que eu posso enfim descobrir a minha própria identidade. Logo, a morte não é uma ruptura total que destrói toda a continuidade de um corpo em que se habita e a matéria que simplesmente permanece (Uzal, 2019).

Nesse sentido, “o ato de escrever é um ato de criar alma, é alquimia. É a busca de um eu, do centro do eu, o qual nós mulheres de cor somos levadas a pensar como um ‘Outro’” (Anzaldúa, 2000, p. 232). Desse modo, ainda segundo Anzaldúa, nós sabemos que somos diferentes, separadas, exiladas do que é considerado “normal”, o branco-correto. E à medida que internalizamos este exílio, percebemos a estrangeira dentro de nós e geralmente como resultado dessa percepção nos separamos de nós mesmas e entre nós. Assim, reconectando-me com as mulheres da minha vida e, retornando, sobretudo, a imagem de minha avó, tento construir uma identidade mais ampla do que a sociedade propôs para mim e não obstante uma identidade mais ampla do que a academia propôs a uma escritora e antropóloga como eu.

A jornada rumo à autodefinição têm impor-

tância política (Collins, 2019, p. 205). Ainda segundo Collins, a autodefinição é uma prática crucial para desafiar as representações estereotipadas e desumanizadoras frequentemente encontradas na sociedade racista e sexista. Ao se autodefinirem, as mulheres negras não apenas reivindicam sua própria humanidade e complexidade, mas também criam um espaço para a produção de conhecimento e solidariedade que é fundamental para a resistência e o empoderamento coletivo. No caminho que tenho traçado neste texto e em meu percurso acadêmico, tenho buscado ir além do “eu pessoal” e ampliando o foco para um “eu maior”, um “eu” que contemple a história de outras mulheres negras que existiram e resistiram para que eu pudesse adentrar e existir neste espaço acadêmico.

Collins traz a passagem de Alexis DeVeaux em que ela observa que nos escritos de mulheres negras existe uma investigação significativa do “eu”. É o “eu” em relação com um outro íntimo, com a comunidade, com a nação e o mundo. Ainda segundo DeVaux nos colocarmos no centro da análise é fundamental para uma série de relações.

Temos de entender qual é o nosso lugar como indivíduo e qual é o lugar da pessoa que está perto de nós. Precisamos entender o espaço de cada um antes de entendermos grupos mais complexos ou maiores (Collins, 2019, p. 203).

Assim, a autora traz a ideia de que a jornada das mulheres negras geralmente envolve a transformação do silêncio em ação. Empreendendo uma busca por autodefinição em limites geográficos próximos, estabelecendo conexões e relações pessoais complexas e, assim, trazendo profundidade à busca por identidade, em vez de amplitude geográfica.

Para famílias negras, a história é negada, velada e sufocada. Negar essas memórias é também negar um passado escravocrata e extinguir qualquer possibilidade de reparação. Não permitir a retomada das origens e apagar qualquer rastro da memória e história negra faz com que a busca pelas nossas raízes e identidades seja ainda mais dolorosa e por vezes um caminho que não chega a lugar nenhum. Para Collins (2019, p. 206), a ênfase na autodefinição reformula o diálogo. Ou seja, em vez de apenas contestar representações estereotipadas ou incorretas (como a ideia de um matriarcado negro), elas passam a discutir quem tem o poder de definir essas imagens e narrativas. Com isso, as mulheres negras não apenas desafiam as imagens de controle³ mas também questionam a legitimidade das pessoas que detêm o poder de criar tais representações. “Independentemente do conteúdo real das auto-definições das mulheres negras, o ato de insistir em nossa autodefinição valida nosso poder como sujeitos humanos” (Collins, 2019, p. 206).

Ao olhar para dentro de mim, tenho a percepção que eu me torno uma pessoa enlutada não a partir do momento em que a presença física da minha avó se torna impossível, mas pelo

movimento de me enxergar e tomar consciência de que a possibilidade de me entender enquanto sujeito deveria ser a partir das vivências da minha matriarca. Os vestígios da minha história desapareceram juntamente com a sua presença física. Minha avó, um receptáculo de história e memória, a única forma de me encontrar e me criar como sujeito foi embora. Buscando a autorrecuperação, retorno às vozes do passado que falam em e para mim. Retorno a uma voz coletiva cuja dominação e a colonização tentaram exterminar e, assim, me oponho a essa violação. Segundo hooks (2019), quando nos opomos a essa desumanização, buscando nos autorrecuperar por meio do trabalho de reunir os fragmentos do ser, para recuperar a nossa história “Esse processo de autorrecuperação permite que nos vejamos como se fosse a primeira vez, pois nosso campo de visão não é mais configurado ou determinado somente pela condição de dominação” (hooks, 2019, p. 78).

Logo, pensando pela via da ancestralidade da possibilidade de enxergar a morte e o luto como um processo de continuidade e resistência de uma cultura ancestral, a busca por um parente, remenda a busca por uma memória viva, fazendo, assim, uma distinção essencial entre o corpo e o morto. O corpo é carne e se esvai, como bem sabemos, mas o morto se mantém na memória daqueles que permanecem. Este processo é ao mesmo tempo de autorrecuperação e cura. “Aqueles que nos amam jamais nos deixam sozinhos com a nossa dor. No momento em que mostram a nós nossa ferida, eles revelam ter o remédio (Walker, 2021)”.

O que bell hooks evoca em seus textos é uma ferida que é comum a nós. Uma dor dilacerante que diz respeito à própria identidade violada e arrancada de si. Em seu livro *Irmãs do Inhamé: Mulheres negras e autorrecuperação* (2023), hooks trouxe à tona uma imagem tão nítida e conhecida para mim: as mãos negras e quentes que me ninarão e curaram as minhas dores da infância.

Quando crianças, nós achávamos que seus unguentos caseiros tinham poderes mágicos curativos. Hoje estou convencida de que a mágica, o poder da cura, residia em suas mãos escuras, quentes e amáveis – mãos que sabiam nos tocar e nos fazer sentir inteiras, que sabiam fazer a dor ir embora (hooks, 2023, p. 13).

É para essas mãos que eu desejo retornar, é para este peito que me me alimentou e me nutriu que eu retorno com essas palavras. Eu não posso viver sem a comunhão e a comunidade da minha ancestralidade, do meu parentesco e da minha família. Ao contrário do que acreditávamos na infância, “A cura acontece pelo testemunho, pela união de tudo aquilo que está aí e pela reconiliação” (hooks, 2023, p. 24).

Em Zora há também a crítica e um questionamento ao condicionamento de seu corpo forjado pelo sequestro de seus ancestrais do continente africano. Não apenas rompe com os grillhões que a impediam de florescer seus escritos à sua própria maneira como também interpelava e desafiava a brancura que atravessavam (e ainda a atra-

3 De acordo com Bueno (2020) imagens de controle são as imagens que são usadas por grupos dominantes da cultura ocidental branca eurocêntrica para perpetuar padrões de violência e dominação contra outros grupos.

vessam) a sua caminhada particular e coletiva tanto no âmbito particular como no acadêmico. "Por que os cursos de Ciências Sociais raramente se baseiam na leitura de autores negros? Alguns dizem que os clássicos (e a sua demasiada branquitude) são incontornáveis" (Basques, 2019, p. 102). Tenho feito essa pergunta desde o início da graduação. Para mim, era e ainda é inadmissível tratarmos escritos permeados de racismo e eurocentrismo como a verdade absoluta. Como se não pudéssemos fazer ciência sem citá-los e trazê-los à tona. Voltemos à recusa de Franz Boas de apoiar Zora Neale Hurston e, além disso, manter uma relação distante com ela após divergências sobre o papel do antropólogo no trabalho de campo. Na época, a antropologia se dividia entre a escola estrutural-funcionalista na Inglaterra, os trabalhos dos alunos de Marcel Mauss na França e a emergência da escola culturalista norte-americana. Pelo contrário, Hurston integrava artes, ativismo e ciência em sua antropologia, navegando nas margens e bordas da academia. Ela se via como relatora de uma realidade social que a atravessava, recusando tratá-la como mero objeto de estudo. Em seus escritos e performances, Hurston questionava pressupostos antropológicos antes nunca vistos, mas que posteriormente foram adotados por movimentos como a pós-modernidade, pós-colonialidade, decolonialidade, anticolonialidade e contracolonialidade (Erickson; Boschemeier, 2021).

O DIA MAIS TRISTE QUE JÁ EXISTIU

Era bonita Vó Rita! Tinha voz de trovão. Era como uma tempestade suave. Vó Rita tinha rios de amor, chuvas e ventos de bondade dentro do peito.
Becos da memória - Conceição Evaristo (2017, p. 43-4)



Figura 1. Tia Sula, Vovó (Sebastiana, Mamãe (Dedi) e Madrinha Cida Fonte: Arquivo Pessoal

É estranho pensar sobre a sua partida, vovó, porque sinto que a senhora nunca se foi. Embora ainda esteja fresca em minha memória, mesmo após tantos anos, aquele triste e horrível dia em que a senhora foi morar no céu. Eu era muito nova, deveria ter uns doze anos, no entanto, se fecho os olhos consigo lembrar com detalhes o desespero e a tristeza de sua partida. As memórias tão nítidas, fazem parecer que foi ontem, parece que eu estou inventando enquanto escrevo. Não sei se é invenção o que eu vou dizer, não

sei se os detalhes estão equivocados e borrados pelo tempo. Tudo que eu vou dizer é o que eu sei. Se é verdade ou não, ninguém (nem mesmo eu) posso garantir.

Foi um dia de chuva. Minha mãe sempre diz que quando chove no dia do velório de alguém, significa que essa pessoa teve a salvação e descansará eternamente nos braços do senhor. No seu velório chovia, uma chuva fraca e fria, assim como estávamos no dia que a senhora nos deixou. Vovó, sua partida foi o dia mais triste que já existiu. Lembrar desse dia faz com que o dia de hoje seja tão triste e ruim quanto o dia que a senhora se foi. Eu lembro de tudo, eu lembro como se fosse ontem. Eu lembro da senhora, mas não lembro muito bem de como eram as coisas antes do dia em que a senhora partiu. Eu choro porque a lembrança mais nítida que eu tenho da senhora é do dia da sua partida.

Eu não lembro da sua voz, eu lembro do seu cheiro, eu não lembro do seu abraço mas lembro do gosto da sua comida. Eu não lembro da sua voz. Eu fecho os olhos e faço um enorme esforço para tentar ouvir e o máximo que eu consigo é escutar a voz da minha mãe te imitando mas não é o som da sua voz. O que eu faço agora se eu esqueci do som da sua voz? O que eu faço agora se eu esqueci de tudo? Se tudo que eu lembro da senhora me leva a sua partida?

A maior parte dos dias eu nem lembro que a senhora se foi, essa pausa seca que nos separa foi tão súbita que eu ainda acho que a senhora está em casa. Lá na casa da vovó. Lembrar da senhora é lembrar de domingos, de sorvete e do rio. De acordar cedinho para ir te ver. Fecho os olhos e tento lembrar da sua voz. Eu não lembro. Eu não lembro que a senhora não está. Eu acho que a senhora está na sua casa. Aquela casa, perto da mercearia onde eu comprava doce. Aquela casa de grades, a casa da vovó com grades verdes. Com o chão de cimento queimado, com a porta do banheiro que não funcionava direito. Eu lembro do Natal, eu lembro da ceia, da senhora dançando, da senhora com os vestidos coloridos, do seu cabelo curtinho e do cheirinho da sua casa. Mas eu não consigo me lembrar da sua voz. Como eu não consigo me lembrar da sua voz se me lembro tão bem da sua partida?

Era madrugada, a senhora estava internada. Antes de dormir a gente tinha tido uma boa notícia, a senhora estava melhorando. Ou será que não estava? Fomos dormir. Três horas da manhã, mamãe me acorda. Eu lembro do meu pai gritando e me levantando logo. Mamãe estava no quarto, calada, de cabeça baixa. Eu soube ali. Eu soube nesse momento que nada do que eu pudesse fazer poderia fazer com que voltássemos no tempo. Eu era muito nova, mas conhecia o medo da morte. Eu conhecia o medo da ausência.

Quarenta minutos depois estávamos em sua casa. Sem a senhora. Era tão escuro, era tão vazio. A televisão não estava ligada, o som não estava tocando as músicas que a senhora gostava de ouvir. Um silêncio sepulcral. Um silêncio súbito que eu jamais vira em sua casa. A movimentação

era grande mas não era de alegria. Era uma tristeza enorme que invadia cada centímetro da casa que um dia fora tão feliz. Eu lembro da felicidade, eu lembro das danças, eu lembro da senhora dançando, eu lembro do cheiro inconfundível de cigarro, de pito. Eu lembro de alegria, eu lembro de ternura, eu lembro da sua benção.

Eu era a única criança ali, pelo menos é o que eu lembro. Fiquei deitada na sua cama. Mamãe me colocou para dormir. Eu estava com medo do escuro, não queria te ver entre as sombras. Queria te ver alegre, feliz e colorida. Mas tinha medo do escuro porque eu não queria te ver na escuridão da morte. O dia amanheceu, o sol veio mas não nos iluminou e muito menos nos esquentou, só quem podia fazer isso era a senhora, vovó. A senhora chegou. Eu ouvi minha madrinha chorando alto, depois mais choro e mais choro. Uma seqüência infinita. Meu pai me mandou ficar no quarto, mas não fiquei.

Eu lembro do choro, se eu fecho os olhos eu escuto o choro. O medo, a solidão. Se eu fecho os olhos eu posso me ver de olhos arregalados com medo e com vontade de chorar também. O quarto era escuro, mas eu pude ver minha feição de menina com medo, com horror. Eu não entendia, mas eu sabia que era ruim. Minha avó tinha chegado. Mas eu não lembro da sua voz. Eu estava com medo. Eu estava no escuro. Minha mãe me buscou, perguntou se eu queria te ver, vovó. E eu fui. Ainda não sei se fiz certo. A imagem da sua morte me marcou mais do que a sua imagem de vida. Eu fecho os olhos e te vejo em um sono profundo mas não consigo lembrar de como era a sua voz. Minha madrinha beijava a sua mão, mas eu não sabia se queria tocar alguém que já morreu. Mas eu te toquei. Eu acariciei a sua mão gelada e pálida.

A sua volta tinha flores brancas. Rosas brancas. E a senhora estava vestindo um terninho azul. Se eu fosse grande naquela época, vovó, jamais deixaria que te vestissem com aquele terninho azul. Um terno azul claro em uma mulher que sempre vestiu vestidos coloridos e sandálias de tiras. Um terninho azul que matou mais uma vez. A senhora jamais vestiria aquela roupa, mas teve que vestir na morte. Uma maquiagem horrível, um corpo tão inchado. Não era a senhora. Não tinha como ser a senhora. Aposto que se eu discar seu número eu consigo falar com você. Eu não lembro do seu número de telefone. Eu não lembro da sua voz. Foi a última vez que eu fui à sua casinha. Nunca mais voltei. Minha mãe não conseguia. E eu entendo. A senhora era rainha. Era assim que a minha mãe te chamava. Nunca ouvi ela te chamando de outra forma. Sebastiana, seu nome é perfeito para a senhora. Sagrada, venerável e gloriosa. Seu nome te definiu tão bem. A senhora é sagrada. A senhora é venerável. A senhora é gloriosa.

Mas eu ainda não me lembro de sua voz. Seu velório seguiu pelo dia. Muitas pessoas estavam presentes. A senhora era uma pessoa querida. Muitas pessoas vieram, eu lembro disso. Mas eu não me lembro de ninguém. Eu me lembro de muitas pessoas mas não vejo o rosto de ne-

nhuma delas. Só pensava na mamãe. Só pensava em sua tristeza profunda. Vi mamãe dizendo que jamais poderia ser feliz sem a senhora. E eu acredito. Eu jamais pude ser feliz sem você, vovó. Eu não me lembro de ninguém. Eu não me lembro de rosto nenhum mas eu me lembro que seu cachorro deitou bem debaixo do seu caixão. Ninguém tirou. Ele ficou lá. Acho que ele também não podia ser feliz sem a senhora. Ninguém mais foi.

Eu ainda não acredito que a senhora partiu. Eu tento lembrar do seu número de telefone porque eu quero te ligar. Eu não lembro da sua voz, eu quero me lembrar. Por que eu não lembro da sua voz? Eu quero escutar a sua voz. Eu quero escutar as suas histórias. Eu quero escutar tudo que a senhora tem a dizer. Mas eu não me lembro da sua voz. E eu me lembro de tanta coisa. Vovó, eu te peço, por favor, me conta suas histórias. Eu não sei quem eu sou sem elas. Eu não sei ser Bruna sem saber quem foi Sebastiana. E eu não sei, ninguém me conta, eu não acredito em ninguém. Eu quero ouvir da sua boca, as vozes dos outros não me bastam. As vozes dos outros não matam a minha sede de você. Porque eu não consigo me lembrar da sua voz? Vovó, toda vez que eu vejo uma rosa vermelha eu lembro de você porque a senhora plantava muitas rosas vermelhas em seu pequeno quintal. Vovó, quero ser vaidosa igual a senhora era. Quero que você me conte suas histórias. Quero ser você. A senhora vive em mim. Mas por que eu não consigo me lembrar da sua voz? Por que esse silêncio tão profundo?

Eu tenho que contar uma verdade. Quando a senhora partiu eu não entendi direito o que significava a sua partida. Quando a senhora estava aqui acho que não dei importância o suficiente. Eu tento me perdoar, vovó, porque eu era pequena. Eu não entendia. Eu não sabia. Como eu poderia saber? Quando a senhora se foi, eu chorei. Eu chorei porque eu estava com medo. Eu não entendia como a morte funcionava. Eu não sabia o que era morrer. Eu chorei porque mamãe chorava. Mas eu não entendia o que a sua voz significava. Por que eu não me lembro de sua voz?

Hoje, eu entendo que o choro de criança era o choro de quem chorava porque os outros choravam. Eu chorei porque eu iria sentir falta de pedir pra senhora os santinhos que a senhora tinha pela casa. Hoje eu nem acredito mais em santo. Mas hoje eu sei que a senhora é sagrada. Eu chorava porque eu não ia ter seu abraço e eu não ia poder pedir sua benção, vovó. Eu chorei porque achei que eu tinha perdido minha avó. Hoje eu choro porque eu me perdi. Demorou bons anos, mas eu percebi que a sua vida e a sua partida significavam muito mais do que as superficialidades da relação neta-avó. Eu te perdi e quando eu te perdi eu perdi a minha mesma. Eu não sei de onde eu vim. Eu não sei quem eu sou. Eu tento recuperar a mim mesma todos os dias e eu entendi depois de muito tempo que eu precisava começar a partir de você. Eu preciso me lembrar da sua voz. Da senhora eu não tenho nenhum registro a não ser fotografias. Nenhuma fotografia da senhora jovem. Não vou além disso. Não tenho nenhum documento. Seu nome nos documentos dos meus tios às vezes é diferente. Nem o seu

nome eu sei direito. Eu não sei de onde a senhora veio. Então de onde eu vim? Por que eu não consigo lembrar da sua voz?

Vovó, começo a contar a história de sua morte porque é até onde eu consigo ir. No meu passado eu não encontro mais nada. Eu lamento a senhora não estar aqui pra ajudar a descobrir quem eu sou. Mas eu quero descobrir a partir da senhora. Eu quero que comece por você, vovó, porque a senhora é a primeira fonte do meu passado. É o início de mim que eu pude conhecer. A senhora vive em mim porque eu te amo. Quero começar pela senhora porque eu sei que a senhora tem o que eu busco. Eu busco a mim mesma e eu quero encontrar um pouco de mim na senhora. Até pouco tempo atrás eu não sabia quem eu era. Eu olhava no espelho e não enxergava quem eu era. Mas os outros me viam. Vovó, os outros sempre me viram e me descobriram antes de mim mesma. Eu sempre achei que a morte era o fim, hoje eu vejo como pode ser continuidade. A senhora vive. A senhora vive em mim. Eu não me lembro da sua voz mas eu vou lembrar. Vovó, eu quero cultivar o seu jardim de rosas vermelhas. Prometo jamais deixá-lo morrer.

Eu me pareço muito com a minha mãe. Eu tenho a pele mais clara que a dela e os cabelos mais encaracolados também. Tenho o mesmo nariz, a mesma boca, a mesma orelha. Também tenho os mesmos medos e as mesmas ansiedades. Ela sempre fala da minha avó e com certeza é a pessoa que mais sente falta dela nesse mundo inteiro. Tudo que eu sei de minha avó eu sei através de minha mãe. É como se as histórias das duas se fundissem em uma só. Gosto de pensar que também faço parte dessa fusão. Uma fusão ancestral. A história delas e a minha são uma só. E é por isso que eu valorizo a fala de minha mãe e todas as suas experiências bem como lamento a ausência das memórias de minha avó. Elas são meu caminho de autodefinição e autorrecuperação através das memórias.

AMOLANDO A MINHA FACA DE OSTRAS

Haraway (1995) propõe o conceito de “visão parcial” ou “conhecimento situado” como uma alternativa ao ideal de uma visão neutra e universal. Ela defende que reconhecer a especificidade de cada perspectiva não só aumenta a objetividade da ciência, mas também promove um campo de pesquisa mais responsável e ético. Ao admitir que toda a percepção é parcial, os cientistas podem estar mais atentos às suas próprias limitações e aos vieses que suas posições sociais e culturais podem introduzir em seu trabalho. A necessidade de entender a máquina, quem eu sou e fazer a dor ir embora são os elementos constitutivos desse texto e da minha busca pela teoria como prática curativa. Tive a oportunidade de construir isso ao longo dos anos da graduação e, sobretudo, na disciplina “Introdução a vida e obra de Zora Neale Hurston”. Conhecer Zora e trazê-la para meu altar de mulheres negras escritoras foi um enorme prazer. Zora põe as tripas no papel e, desse modo, coloca os dedos em minhas feridas. Assim como ela fez, proponho-me

sempre a burlar os limites da ciência e escrever ao meu próprio modo, misturando minhas memórias, minhas dores e as oralituras⁴ ancestrais que me cercam.

Zora me ensinou a escrever sobre mim e de cabeça erguida. As narrativas históricas com as quais temos contato ao longo da vida orientam a maneira como definimos quem somos nós e quem chamamos de outros (Pinto, 2021, p. 12). E, eu, assim como ela, não sou um “outro” qualquer. Sobretudo, me ensinou a não permitir que os momentos em que eu me sinto acuada ou inferior definam a minha identidade ou limitem as minhas ambições. *O texto Como eu me sinto uma pessoa de cor* (2019) é um chamado constante da recusa em ser definida pela opressão e pela preferência de foco nas possibilidades e riquezas de sua cultura e identidade. Hurston não escreve, especificamente, sobre a discriminação num mundo dominado por brancos – o que lhe rendeu algumas críticas dos ativistas pelos direitos dos negros –, mas o que também me chamou bastante atenção. A partir dessa escrita, o “eu” relegado à miséria tornou-se o sujeito que se inscreve e se descreve a partir de suas vivências. Em consequência disso, a narrativa e a representação de vozes marginalizadas ganha força em um lugar historicamente pertencente às elites: a escrita.

A escrita de Hurston, aborda de maneira crítica e desafia as estruturas de poder, conhecimento e dominação que foram estabelecidas durante o processo de colonização e que continuam a influenciar a maneira como o conhecimento é produzido, transmitido e valorizado. “Poderíamos traçar um fio condutor que conecta as indagações de Hurston às nossas realidades” (Erickson; Boschemeier, 2021, p. 5). Indagações essas que foram traduzidas e trazidas até nós por um trabalho insistente de acadêmicos que jamais desistiram de seus grandes mestres. Tal fio condutor que conecta os sentipensares de Zora às nossas escrevivências⁵. As mesmas opressões, baseadas nos parâmetros do racismo estrutural e do patriarcado, afetam grande parte da sociedade brasileira atual. Especialmente mulheres negras e indígenas, que enfrentam formas cotidianas de precarização da vida, racismo, genocídio e epistemicídio.

Hurston se reconhecia como um ser completo, complexo e contraditório, e também descreve outras pessoas negras dessa maneira. Para ela, a negritude não era homogênea, mas um espaço de diversidade. Enfrentando machismos e privilégios brancos, Hurston afirmava que não chorava para o mundo, mas se ocupava “amolando sua faca de ostras”, mantendo suas criações afiadas e desafiadoras do *status quo*. Há uma lacuna na produção de conhecimento que reconheça intelectuais negros. Muitos docentes e discentes têm apenas agora seu primeiro contato com a obra de Zora Hurston. Este texto busca explorar essa questão, trazendo à tona a importância crítica e criativa de Hurston e de intelectuais negros na academia.

Retornando à imagem de minha avó, apesar do luto e da dor infinita, a relação que eu passo a

4 Oralituras é um conceito elaborado por Leda Maria Martins (2003) para designar histórias e saberes ancestrais transmitidos não apenas através da literatura, mas também em manifestações performáticas da cultura popular.

5 Escrevivência é um termo criado por Conceição Evaristo e traz a junção das palavras “escrever e vivência”, ainda segundo a autora a força de sua ideia não está somente nessa aglutinação; ela está na genealogia da ideia, como e onde ela nasce e a que experiências étnicas e de gênero ela está ligada. (Herminio apud Evaristo, 2022).

estabelecer com os meus parentes mortos relaciona-se com a ideia de renascimento. Continuar o trabalho dos meus ancestrais e adentrar os espaços dos quais eles foram expulsos é uma forma de ancorar a minha existência na deles. A perda incide no real, no imaginário e no simbólico. Assim, a perda real se trata da minha avó e em sua presença física. No que se refere ao imaginário, pode-se dizer que suas histórias e memórias poderiam me agregar e significar. O simbólico é a falta dessa presença tanto física quanto a sua própria vivência. O efeito dessa perda simbólica é o sentimento de perda da minha própria identidade e memória. Há uma complexidade na distinção socialmente elaborada entre o vivo e o morto. Pensar essa distinção e a morte com a ideia de continuidade é pertinente para pensar a identidade para além do limiar da morte.

Desse modo, a morte não representa o fim absoluto, mas sim uma transição para uma outra forma de existência ou um legado que persiste. Pensar a ancestralidade a partir do aspecto da continuidade e, assim, refletir sobre a morte como um processo de resistência de uma identidade é uma perspectiva que nos convida a valorizar a memória daqueles que não estão mais presentes e assim por dizer, a incorporação do objeto perdido ao Eu, ou seja, as memórias de minha avó, aquelas que eu reconheço como parte fundante e significativa da minha identidade se foram e assim correspondem a um universo simbólico da falta (Dunker, 2023).

"Às vezes, é preciso ter mais dúvida, do que certeza. É preciso ter mais ancestralidade, do que cientificidade. É preciso deixar que essas dúvidas corroam, adentrem, façam casa e ganhem corpo (ou texto)" (Damásio, 2021, p. 195). Em suma, assim como Damásio (2021), aprendi junto dos meus (ou das minhas) que nossas palavras não precisam ser contidas ao serem transcritas para um trabalho acadêmico, pelo contrário, elas devem (r)

existir mesmo nos lugares mais inóspitos, frios e brancos. Ancorar minhas memórias e sentimentos tão íntimos que revelam a menina-neta que eu ainda sou é escancarar minhas vulnerabilidades e ao mesmo tempo escancarar as ausências e apagamentos que fazemos de nós mesmos em nossos textos. Demorei muito tempo para saber quem eu era, mas as pessoas não demoraram um segundo sequer para me apontarem. Auto-definir e autorrecuperar é desafiar as imagens de controle e os lugares destinados a nós, mulheres, negras, periféricas. Autodefinir e autorrecuperar é questionar a legitimidade das pessoas que criam essas representações. Autodefinir e autorrecuperar é se (re)conhecer e aceitar a própria identidade, história e experiências.

Enfim, ao cultivar os jardins de meu ancestrais retorno e enalteço a eles, sobretudo minha avó. Trata-se de um caminho que tenho percorrido para me encontrar e me redescobrir, um processo que só faz sentido a partir dela. Essa vontade de autoconhecimento e redescoberta é também resultado de sua ausência. Portanto, essa escolha não se deve à sua notoriedade pública, mas ao seu papel significativo como portadora de memórias, tradições e resistências que são parte integrante da história e da cultura negra. Isso porque tais memórias não esgotam-se apenas nela, mas carregam a vivência de uma coletividade. Minha avó, com suas histórias e vivências, representa um elo vital na cadeia de transmissão de conhecimento e cultura. Através da narrativa de sua vida, pretendo abordar como as experiências pessoais estão intrinsecamente ligadas à memória coletiva, atuando como âncoras de nossa identidade cultural. Para tanto, amolo minha faca de ostras, me autodefino e me autorrecupero e, assim, como Zora busco desafiar as estruturas de poder, conhecimento e dominação que foram estabelecidas durante o processo de colonização e que continuam a influenciar a maneira como o conhecimento é produzido, transmitido e valorizado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Revista Estudos Feministas**, [s. l.], v. 8, n. 1, p. 229, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/%x>.
- BAQUES, Messias. Zora Hurston e as luzes negras das Ciências Sociais. **Ayé: Revista de Antropologia**, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 102–105, 2019.
- BUENO, W.. **Imagens de controle**: um conceito do pensamento de Patricia Hill Collins. Brasil: Editora Zouk, 2020.
- COLLINS, Patricia Hills. O poder da autodefinição. In: COLLINS, Patricia Hills. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo, 2019, p. 179–216.
- DAMASIO, Ana Clara. Voltando para a origem. Considerações sobre o campo entre parentes e os segredos de família. **Revista Calundu**, v. 4, p. 183, 2021.
- DUNKER, Christian Ingo Lenz. **Lutos finitos e lutos infinitos, o caminho até dizer adeus**, 2019, por Aline Fonseca e Jessica Magari Ferazza. Disponível em: <https://www.unibrasil.com.br/wp-content/uploads/2019/05/1%C2%BA-Lugar-artigo.pdf>.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Rio de Janeiro. Pallas Editora, 2017.

ERICKSON, Sandra S. Fernandes et al. Apresentações do Número Especial Fire!!! Zora Neale Hurston Textos Escolhidos e Traduzidos. **Ayé: Revista de Antropologia**, v. 4, n. 2, 2021. Disponível em: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/Antropologia/article/view/645/337> . Acesso em: 24 ago, 2024.

hooks, bell. *Anseios: raça, gênero e políticas culturais*. São Paulo: Editora Elefante, 2019a.

hooks, bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. São Paulo: Editora Elefante, 2019b.

hooks, bell. *Irmãs do Inhamé: mulheres negras e autorrecuperação*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2023.

HURSTON, Zora Neale. Como eu me sinto uma pessoa de cor. **Ayé: Revista de Antropologia**, [s. l.], Fire!!! Textos escolhidos de Zora Neale Hurston (Edição Especial), 2021. Disponível em: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/Antropologia/article/view/658>.

HERMINIO, Beatriz. A escrevivência carrega a escrita da coletividade, afirma Conceição Evaristo. **Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo**, São Paulo, 03 out. 2022. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/noticias/a-escrevivencia-carrega-a-escrita-da-coletividade-afirma-conceicao=-evaristo#:~:text=Criado%20por%20Concei%C3%A7%C3%A3o%20Evaristo%20o,explicou%20a%20escritora%20e%20educadora>. Acesso em: 25 jun. 2024.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2020.

KILOMBA, Grada. **While I Write**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UKUaOwfmA9w> . Acesso em: 18 jul. 2018.

MARTINS, L. . **PERFORMANCES DA ORALITURA: CORPO, LUGAR DA MEMÓRIA**. *Letras*, (26), 63–81, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2176148511881>

UZAL, Luciano G.. **Cuerpo muerto y materialidad**: exploraciones teóricas-conceptuales. *Tabula Rasa*, n. 31, p. 361–380, 2019 DOI: <https://doi.org/10.25058/20112742.n31.15>.

CARUSO, Gabriela de Brito. bell hooks nos deixou. **Portal FGV**, [s. l.], 27 jan. 2022. Disponível em: <https://portal.fgv.br/artigos/bell-hooks-deixou>. Acesso em: 25 jun. 2024.